

Novas discussões sobre a concordância nominal de número como índice de gênero e sexualidade

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i2.3923>

Ronald Beline Mendes¹
Isabel Pie²

Resumo

Este trabalho discute resultados de um experimento de percepção sociolinguística que, por meio da técnica *matched-guise* (Campbell-Kibler, 2011), utiliza disfarces que combinam as variantes das variáveis concordância nominal de número (CN), duração de /-s/ e F₀ média. A questão que motivou o experimento foi sobre se essas variáveis teriam um efeito interativo em percepções de gênero e sexualidade em vozes masculinas, com a hipótese de que elas soariam mais efeminadas/*gay* nos disfarces com concordância padrão, /-s/ alongado e F₀ acrescido de 30 Hz. Diferentemente de trabalhos anteriores, verificamos que (CN) não tem um efeito global em percepções de gênero e sexualidade em vozes masculinas; além disso, um dos falantes foi percebido como alguém que soa mais efeminado e mais *gay* nos disfarces com concordância não padrão. A discussão da assimetria entre nossos resultados e os de estudos anteriores se desenvolve à luz dos conceitos de implicitude, combinatoriedade e subespecificação (Eckert, 2016).

Palavras-chave: concordância nominal; gênero; sexualidade; percepção sociolinguística.

New discussions on nominal number agreement as an index of gender and sexuality

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; rbeline@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-1510-7180>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; isabel.pie.souza@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-4965-7463>

Abstract

This paper discusses results of a matched-guise (Campbell-Kibler, 2011) experiment that uses stimuli defined by the combination of variable noun phrase number agreement (NPAgr), variable coda /-s/ lengthening (-s) and average (F_0). The motivating question was whether these variables would have an interactive effect on perceptions of gender and sexuality in male voices, where voices in guises with standard (NPAgr), longer (-s), and $F_0 + 30$ Hz would sound more effeminate and gayer. Unlike results of previous studies, (NPAgr) does not have an overall effect on perceived gender and sexuality in male voices (when combined with other linguistic variables), and one speaker is perceived as more effeminate-, gayer-sounding in his nonstandard NPAgr guises. We discuss the mismatch between our results and those of previous studies in light of the concepts of implicitness, combinativeness, and underspecification (Eckert, 2016).

Keywords: noun phrase number agreement; gender; sexuality; sociolinguistic perception.

Introdução

O estudo que aqui se apresenta fundamenta-se em alguns pressupostos teóricos. Um deles é o da indiciabilidade indireta: Ochs (1992) e Silverstein (2003) propõem que os significados sociais se associam a formas linguísticas de maneira indireta, podendo haver várias ordens de associação entre forma e significado. Assume-se também que as formas linguísticas não são índices permanentes de significados sociais e que esses significados (potencialmente associáveis a uma forma linguística) constituem o que Eckert (2008) chama de *campo indicial* – uma constelação de significados potenciais inter-relacionados entre si. Tais significados são *implícitos*, já que uma forma pode indiciar múltiplos significados potenciais. Além disso, significados sociais não se associam a variantes linguísticas isoladas, mas a conjuntos de variantes – a propriedade da *combinatoriedade*. Por fim, a significação social das formas linguísticas é *subespecificada*, uma vez que um número relativamente pequeno de variantes serve a uma ampla gama de propósitos sociais. Os significados sociais estão sujeitos à flexibilidade das formas linguísticas, bem como a nuances e à criatividade dos falantes e ouvintes (Eckert, 2008, 2012, 2016; Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021).

Outro ponto de partida é Mendes (2016), que verificou experimentalmente que 100 ouvintes tenderam a perceber quatro vozes masculinas como mais efeminadas (menos masculinas) e mais gay em seus disfarces com CNp (a variante padrão da concordância nominal, como em “as casa-s”), em oposição aos disfarces com CNØ (a variante não padrão, “as casa-Ø”). Esse estudo foi motivado por comentários metalinguísticos obtidos por Mendes (2007): paulistanos associaram “soar gay” a noções de uso “correto” da língua, mencionando exemplos de uso de CNp. No entanto, ao combinar (CN) com outras variáveis linguísticas (duração da coda /-s/ e F_0 médio), verifica-se que (CN) não tem o

mesmo efeito global, verificado por Mendes (2016), em percepções de efeminidade e *gayness* em vozes masculinas. Por isso, o foco do presente artigo está na discussão sobre qual variante – CNp ou CNø – funciona como índice de gênero e sexualidade nessas vozes. Ademais, serão apresentados resultados a respeito das duas outras variáveis linguísticas – (-s) e (F0) – que foram combinadas a (CN) no experimento em questão.

Gênero e sexualidade na indicialidade de (CN)

Diversos estudos atestam a conexão entre o emprego de CNp e noções de classe socioeconômica e escolaridade. Mendes (2016) supõe que tais noções podem ser (re)interpretadas, na fala masculina, como “excesso de precisão”, “*frescura*” e, por conseguinte, podem indiciar *gayness* e efeminidade. A forma não padrão CNø, por sua vez, funcionaria como um índice indireto de masculinidade heteronormativa, ideologicamente intermediada por noções como “classe mais baixa”, “menor nível de escolaridade”, “durão” e “macho”.

A Figura 1 mostra resultados de Mendes (2016) acerca do nível de efeminidade (eixo y) que os participantes atribuíram a cada falante (eixo x) nos disfarces com CNp (cinza escuro) e CNø (cinza claro). Note-se que se trata de um efeito geral: todas as quatro vozes incluídas no experimento foram percebidas como mais efeminadas em seus disfarces CNp.

Na esteira de Mendes (2016), mas levando em conta que variáveis não se associam de maneira isolada a significados sociais, interessa verificar se a (CN) tem efeitos sobre percepções de gênero e sexualidade na voz masculina independentemente de outras variáveis linguísticas ou, diferentemente, se o efeito de (CN) nessas percepções depende de outras variáveis. Nesse sentido, desenvolveu-se um experimento cujos estímulos auditivos combinam (CN) às variáveis (-s) e (F₀), respectivamente “duração da coda /-s/” e “*pitch* médio” – uma vez que trabalhos anteriores mostraram efeitos globais dessas duas variáveis na percepção de vozes masculinas.

Um desses trabalhos é o de Sene (2022), que utilizou oito vozes masculinas em um experimento *matched-guise* e verificou que todas elas, de acordo com as percepções de 337 ouvintes, soam menos masculinas nos disfarces com /-s/ alongado (doravante s+) e com F₀ médio acrescido de 30 Hz (daqui em diante, F₀+30). A Figura 2 mostra o padrão geral das respostas para masculinidade percebida para um dos falantes – que é o mesmo para todos os oito falantes e também para percepções sobre *gayness*: todas as vozes foram percebidas como menos masculinas e mais *gay* quando foram ouvidas nos disfarces com ambas as variantes s+ e F₀+30 (ver também Sene, 2022, p. 180-181).

Figura 1. Percepções de efeminidade nas vozes de quatro falantes, a depender das variantes de (CN) – Mendes (2016)

Fonte: Elaboração própria

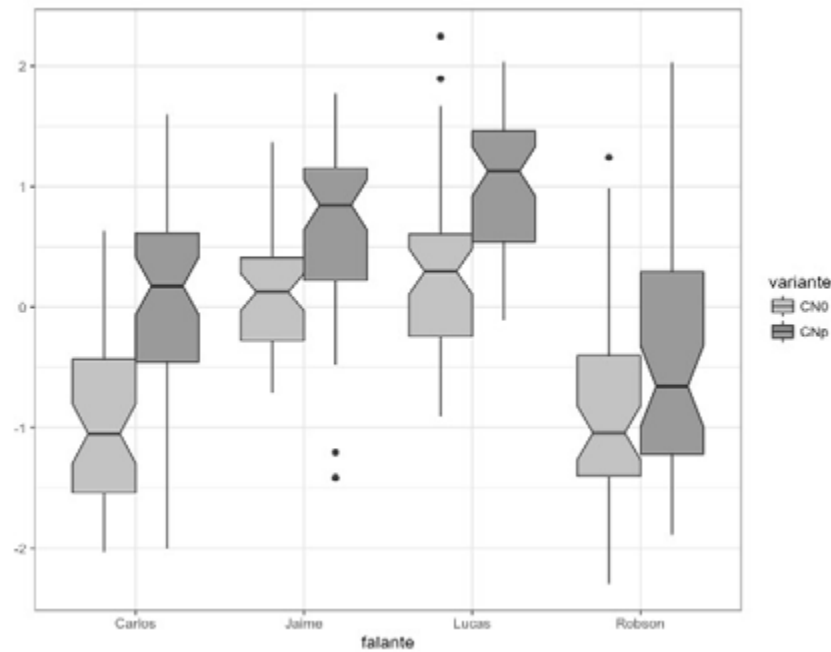
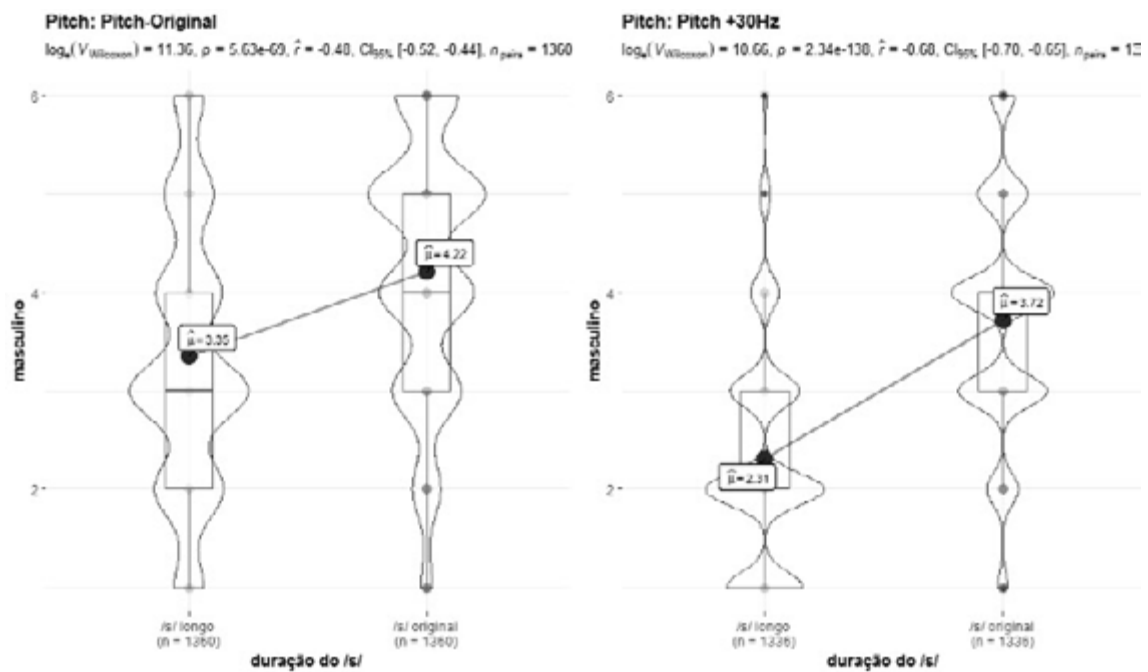


Figura 2. Percepções de masculinidade na voz de um dos falantes do experimento de Sene (2022), a depender das variáveis F_0 e duração de /-s/

Fonte: Sene (2022, p. 180)



A partir dos resultados de Mendes (2016) e Sene (2022), esperava-se que as respostas coletadas com a aplicação do experimento que aqui se descreve indicariam que, nos disfarces com CNp, s+ e F₀+30, as vozes masculinas seriam percebidas como mais efeminadas e mais *gay* pelos ouvintes. Em outras palavras, esperava-se que as três variáveis – (CN), (-s) e (F₀) – teriam efeitos interdependentes globais, ou seja, nas quatro vozes masculinas utilizadas. No entanto, como se discute nas próximas seções, obtiveram-se resultados um tanto diferentes.

Desenho e execução do experimento

No design do experimento cujos resultados passamos a discutir, utilizamos os mesmos trechos de fala espontânea dos quatro falantes de Mendes (2016), cujos pseudônimos são Carlos, Robson, Jaime e Lucas. Os trechos fazem parte das entrevistas sociolinguísticas que compõem a amostra SP2010 (Mendes; Oushiro, 2013). Combinando-se as variantes das três variáveis em foco – (CN), (-s) e (F₀) – produziram-se 32 estímulos auditivos (oito combinações diferentes para cada um dos quatro falantes). A seguir, apresenta-se como exemplo a transcrição do trecho retirado da entrevista com o falante Carlos. As ocorrências de (CN) foram destacadas em negrito, e de (-s), em sublinhas.

[...] **os meus amigo(s)** do outro prédio nem tenho tanto convívio mais al/ alguns poucos de vez em quando ao telefone às vezes quando... eu faço alguma coisa aqui em casa eu chamo eles vêm mas os meus amigo(s) mesmo são **os amigo(s)** do colégio né que também são (xxx)... até por causa da escola né o pessoal acaba escolhendo **escolas próxima(s)** né então o pessoal mora tudo na região também...

Após ouvir cada um dos quatro cliques de áudio (um por falante – isto é, cada falante foi ouvido em um dos seus oito disfarces possíveis), cada participante o avaliou por meio de seis escalas de diferenciais semânticos, com as características “*gay*”, “simpático”, “formal”, “inteligente”, “efeminado” e classe social. Em seguida, o participante ouvinte também poderia avaliar cada falante por meio de características discretas, caso entendesse que tais características serviriam para descrever o falante que ouviram em um de seus disfarces: “bonito”, “tímido”, “fresco”, “trabalhador”, “mimado”, “moderno”, “conservador”, “preguiçoso”, “nerd”, “articulado”, “grosso”, “sofisticado”, “irritante”, “metido”, “mauricinho” e “agressivo”. Trata-se de características que têm sido, em menor ou maior grau, associadas à masculinidade desde o seminal estudo de Gaudio (1994).

No total, 204 pessoas se voluntariaram a participar do experimento como ouvintes. Dentre elas, 39% se identificaram com o gênero masculino e 61% com o gênero feminino; mais da metade deles (53%) são paulistanos; 76% se identificam como heterossexuais, enquanto os outros 24% reúnem bi- e homossexuais; exatamente a metade deles diz ter muitos amigos LGBTQIAP+, enquanto a outra metade tem poucos ou nenhum; além disso,

mais de 90% são pessoas com nível superior de escolaridade. Suas idades variam entre 18 e 80 anos (média: 40,6; mediana: 38).

Além das características sociais dos ouvintes, o experimento também coletou, por meio de um questionário, respostas dos ouvintes para oito questões (ver quadro 1) cujo objetivo foi aferir sua atitude em relação à homossexualidade masculina. Para cada uma das questões, as opções de respostas eram: “concordo fortemente”, “concordo em partes”, “não sei/não tenho opinião formada”, “discordo em partes” e “discordo fortemente”. A exemplo de Levon (2014), tal questionário possibilita verificar se a variação nas percepções dos ouvintes acerca de gênero e sexualidade nas vozes masculinas se correlaciona às suas atitudes em relação ao tema da homossexualidade masculina.

Quadro 1. Questionário de Atitudes (QA)

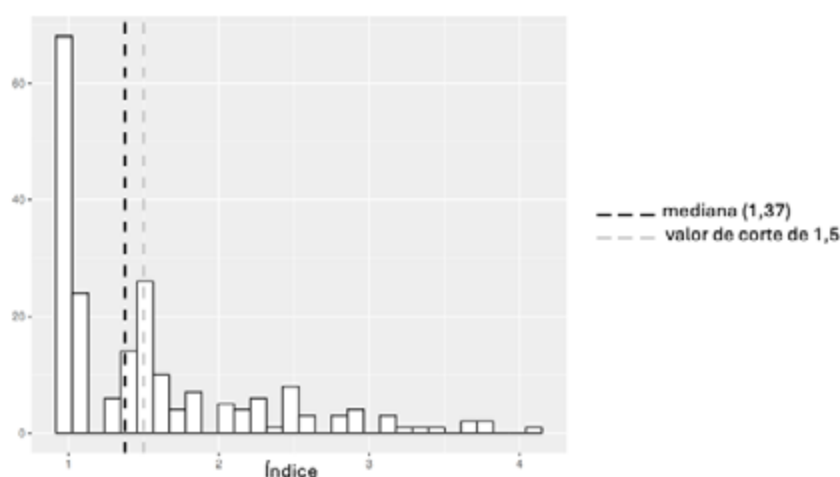
Concordo totalmente – concordo em partes – não sei/não tenho opinião – discordo em partes – discordo totalmente	
1	Eu não me importaria em ter um filho <i>gay</i> .
2	Me sinto desconfortável quando vejo dois homens se beijando em público
3	Os homens <i>gays</i> devem lutar por igualdade de direitos.
4	Educação sexual nas escolas deve tratar também da sexualidade <i>gay</i> .
5	A adoção de crianças por casais de homens <i>gays</i> é algo normal.
6	Casais de homens <i>gays</i> impõem seu estilo de vida às outras pessoas.
7	A crescente aceitação da sexualidade <i>gay</i> na nossa sociedade é uma ameaça à família tradicional.
8	A sexualidade <i>gay</i> é uma anomalia psicológica.

Fonte: Elaboração própria

A partir das respostas dos ouvintes que participaram do experimento, criou-se o “índice QA”, que varia entre 1 e 5. Para o cálculo do índice, foi somado um número de 1 a 5 para cada questão, em que 5 correspondia à resposta que revelasse uma atitude mais negativa e 1, uma atitude mais positiva em relação à homossexualidade masculina. Ao fim, o resultado foi dividido por 8. Quanto mais baixo o índice calculado para o ouvinte, mais positiva é sua atitude em relação à homossexualidade masculina. A Figura 4 mostra que a maioria dos voluntários obteve índice em torno de 1 (a mediana, marcada pela linha tracejada preta, é 1,37). Isso significa que, no geral, o conjunto de respondentes afirma ter atitudes positivas em relação à homossexualidade masculina. Diante dessa dispersão nos índices QA para os respondentes, havendo pouquíssimos falantes com valores altos e muitos com valores baixos, eles foram divididos em dois grupos com quantidade de participantes

aproximada: de um lado, foram agrupados aqueles cujo índice QA é menor ou igual a 1,5 (ou seja, cuja atitude diante da homossexualidade masculina é mais positiva); do outro, agruparam-se os ouvintes cujo índice é maior do que 1,5 (aqueles cuja posicionamento diante da masculina é, relativamente ao primeiro grupo, mais negativa). O primeiro grupo é mais numeroso (conta com 125 participantes); o segundo reúne os 79 participantes restantes. Dessa forma, no teste de correlações entre o índice QA e as percepções dos ouvintes acerca dos falantes, o índice foi tratado não como uma variável numérica, mas como uma variável nominal binária: " $\leq 1,5$ " e " $> 1,5$ ". De fato, se por um lado o valor de 1,5 que separa os dois grupos seja baixo (tendo em vista que varia de 1 a 5), por outro ele permite uma análise binária. Essa análise objetiva verificar se, mesmo em um grupo que tem, em geral, atitude muito amigável em relação à homossexualidade masculina, os poucos que revelam uma atitude não tão positiva têm percepções diferentes

Figura 4. Histograma do número de ouvintes para cada índice QA calculado a partir de suas respostas ao Questionário de Atitudes acerca da homossexualidade masculina



Fonte: Elaboração própria

Percepções de Gênero e Sexualidade nas vozes masculinas

A Tabela 1 resume os resultados de uma Análise de Componentes Principais, desenvolvida como pacote *psych* (Revelle, 2023) da plataforma R (R Core Team, 2023). A análise reduz a três componentes principais (CPs) as respostas dos ouvintes nas seis escalas de diferenciais semânticos (na primeira coluna da Tabela 1) para cada falante. O primeiro CP foi chamado de Gênero/Sexualidade por incluir as respostas nas escalas "gay" e "efeminado" (fortemente correlacionadas, com índices acima de 0,9). Isso significa que, no geral, quando as vozes foram percebidas como mais efeminadas, também percebidas como mais gay – uma correlação esperada, ainda que não necessária ou essencial. O CP Gênero/Sexualidade, além de ser o que explica a maior parte da variância nas respostas (34%, enquanto os demais outros explicam, respectivamente, 25% e 21%), é o de maior interesse para a presente pesquisa. Por isto, as análises a seguir se concentram nesse CP.

Tabela 1. Correlações entre as respostas nas seis escalas (Método: Análise de Componentes Principais com rotação Promax)

	CP1	CP2	CP3
	Gênero/Sexualidade	Agradabilidade	Status
Inteligente	0,06	0,77	0,20
Gay	<u>0,93</u>	0,04	0,07
Formal	0,30	-0,07	0,86
Simpático	-0,02	0,96	-0,16
Efeminado	<u>0,94</u>	-0,02	0,05
Classe	-0,41	0,02	0,68
Eigenvalue	2,02	1,51	1,26
% Variância	<u>34</u>	25	21
% Acumulativa	34	59	80

Fonte: Elaboração própria

Tais análises começam com modelos de regressão linear de efeitos mistos que tomam o CP1 como variável resposta e a interação entre falantes e cada uma das variáveis linguísticas como variáveis previsoras independentes. O modelo também inclui a variável “ouvinte” como aleatória, já que os dados podem variar bastante entre diferentes ouvintes (Mendes, 2018; Sene, 2022).

A Tabela 2 resume os resultados do modelo que testa o efeito da interação entre o falante e a variável (-s) sobre a percepção acerca de Gênero/Sexualidade. Quando se comparam as estimativas e os respectivos valores p para cada falante aos valores no *intercept* (repostas para Carlos), verifica-se que Jaime e Lucas foram percebidos como significativamente ($p < 0,05$) mais *gay/efeminados* do que Carlos. Por outro lado, entre Robson e Carlos, não há diferença significativa ($p > 0,05$). Esse resultado segue o que se verificou em experimentos anteriores (p. ex. Mendes, 2016). Além disso, a variável (-s) tem um efeito significativo ($p < 0,05$) nas respostas: nos disfarces com a *s+*, os falantes são percebidos como mais *gay/efeminados* do que naqueles com a duração original de */-s/*. Esse resultado também era esperado, tendo em conta os resultados de Sene (2022), em língua portuguesa, mas também os de outros trabalhos, em línguas diversas (p. ex. Levon, 2014; Levon; Maegaard; Pharao, 2017; Pharao; Maegaard, 2017).

Tabela 2. Resumo do modelo de efeitos mistos que testa o efeito da interação entre as variáveis falante e (-s) nas respostas que compõem o CP1 (Gênero/Sexualidade)

Efeitos Fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor <i>t</i>	valor <i>p</i>
(Intercept)	-0,7219	0,06182	-11,678	<0,001***
Jaime	1,13247	0,08738	12,96	<0,001***
Robson	-0,0648	0,09361	0,692	0,488978
Lucas	1,70169	0,08824	19,284	<0,001***
Variante s+	0,23219	0,09361	2,48	<u>0,013324*</u>
Jaime: s+	-0,23699	0,13117	-1,807	0,071183
Robson: s+	-0,47355	0,13793	-3,433	<0,001***
Lucas: s+	-0,17652	0,13234	-1,334	0,182639
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204); <i>Intercept</i> : Carlos: -s original Fórmula: CP1 ~ Falante * Variável (-s) + (1 Ouvinte)				

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 3 resume o modelo que testa o efeito da interação entre o falante e a variável (F_0) sobre o CP1, Gênero/Sexualidade. Os resultados são semelhantes aos do modelo anterior. Verifica-se efeito significativo ($p < 0,05$) da variável F_0 nas respostas que compõem o CP1: no geral, os falantes foram percebidos como mais *gay*/efeminados no disfarce F_0+30 , relativamente a quando foram ouvidos nos disfarces com F_0 original. Mais uma vez, trata-se de um resultado esperado, tendo em vista sobretudo os trabalhos de Sene (2022) e Levon (2014). Tal padrão resultado segue a suposição popular já bastante estudada (p. ex. Gaudio, 1994; Smyth; Rogers, 2008) de que a fala de homens *gays* se aproxima à fala feminina, soando relativamente mais aguda (valores de F_0 médio relativamente mais altos).

Tabela 3. Resumo do modelo de efeitos mistos que testa o efeito da interação entre as variáveis falante e (F_0) nas respostas que compõem o CP1 (Gênero/Sexualidade).

Efeitos Fixos	Estimativa	D e s v i o padrão	valor <i>t</i>	valor <i>p</i>
(Intercept)	-0,72211	0,06655	-10,85	<0,001***
Jaime	1,05713	0,08979	11,773	<0,001***
Robson	-0,01829	0,08828	-0,207	0,8359
Lucas	1,67929	0,0895	18,764	<0,001***
Variante F_0 + 30 Hz	0,19687	0,09264	2,125	0,03390*
Jaime:Variante F_0 + 30 Hz	-0,05052	0,12741	-1,397	0,6918
Robson:Variante F_0 + 30 Hz	-0,31915	0,13056	-2,445	0,0147*
Lucas:Variante F_0 + 30 Hz	-0,08319	0,13351	-0,623	0,5334

Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).

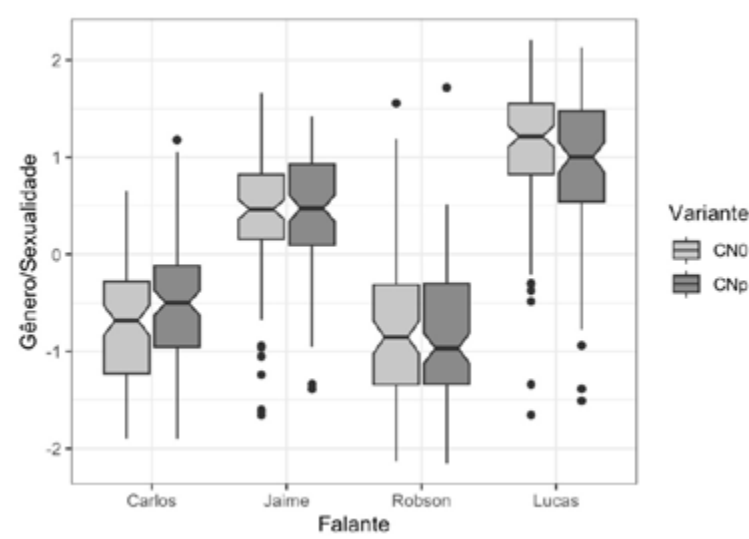
Intercept: Carlos; variante F_0 original

Fórmula: CP1 ~ Falante * Variável (F_0) + (1|Ouvinte)

Fonte: Elaboração própria

Por fim, a Tabela 4 resume um modelo de efeitos mistos semelhante aos anteriores, mas com a variável (CN) em interação com os falantes. Vemos que a variável (CN) tem um efeito apenas marginalmente significativo sobre as respostas ($p = 0,0502$). Mais interessante, contudo, é o fato de que Lucas soa mais *gay* e efeminado quando ouvido nos seus disfarces com CNØ (relativamente a quanto é ouvido nos disfarces CNp). Para a percepção das vozes dos demais falantes, a variável (CN) não faz diferença. Esses resultados vão de encontro aos de Mendes (2016, Cf. Figura 1), que, como vimos anteriormente, verificou um efeito global de (CN) na percepção das vozes dos mesmos quatro falantes (lembremos, ainda, que aqui se utilizaram os mesmos excertos das falas de Carlos, Jaime, Lucas e Robson que em Mendes 2016).

Figura 5. Dispersões dos scores do primeiro componente principal –Gênero/Sexualidade – nas respostas dos ouvintes por falante, de acordo com a variante de (CN)



Fonte: Elaboração própria

Tabela 4.– Resumo do modelo de efeitos mistos que testa o efeito da interação entre as variáveis falante e (CN) nas respostas que compõem o CP1 (Gênero/Sexualidade)

Efeitos Fixos	Estimativa	Desvio padrão	valor t	valor p
(Intercept)	-0,53753	0,06359	-8,453	<0,001***
Jaime	0,94319	0,09419	10,014	<0,001***
Robson	-0,27548	0,08543	-3,225	0,00133*
Lucas	1,44661	0,09419	15,359	<0,001***
Variante CNø	-0,18472	0,09419	-1,961	0,0502
Jaime:Variante CNø	0,18938	0,13955	-1,357	0,17535
Robson:Variante CNø	0,22567	0,12653	1,783	0,07501
Lucas:Variante CNø	0,36633	0,13955	2,625	<u>0,00893**</u>

Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).

Intercept: Carlos; variante CNp

Fórmula: CP1 ~ Falante * Variável (CN) + (1|Ouvinte)

Fonte: Elaboração própria

Com os resultados desses modelos que testam os efeitos das variáveis (-s), (F_0) e (CN) nas percepções dos ouvintes acerca de gênero/sexualidade nas vozes dos quatro falantes, construímos um modelo mais complexo, que inclui a variável QA como previsora, em interação com o falante e com as três variáveis linguísticas. Os resultados, na Tabela 5, indicam que o Índice QA não tem um efeito isolado nas respostas que compõem o CP1 Gênero/Sexualidade. Em outras palavras, no geral, não há diferença significativa ($p > 0,05$) entre as respostas dadas por ouvintes cuja atitude diante da homossexualidade masculina é positiva (índice QA $\leq 1,5$) e aquelas dadas por ouvintes cuja atitude é negativa (índice QA $> 1,5$). Por si só, tal padrão já vai contra as expectativas iniciais: supusemos que ouvintes cuja atitude diante da homossexualidade masculina é negativa tenderiam a ser mais rigorosos no julgamento das vozes masculinas, percebendo-as mais frequentemente como mais *gay*/efeminadas.

Além disso, há uma interação significativa ($p < 0,05$) entre o índice QA e a variável (CN): as vozes dos quatro homens tenderam a ser percebidas como vozes que soam menos *gay* e efeminadas em seus disfarces CNØ por ouvintes cuja atitude em relação à homossexualidade é negativa (índice QA $> 1,5$).

Assim, para os ouvintes cuja atitude diante da homossexualidade é relativamente negativa, há uma convergência com os resultados de Mendes (2016) e com a interpretação do autor: CNØ leva à percepção de que uma voz masculina soa menos efeminada e menos *gay*. Todavia, é preciso ter em mente que a maioria dos ouvintes revela uma atitude positiva sobre a homossexualidade masculina e, para aqueles com índice QA maior do que 1,5, CNØ é uma variante que faz com que os falantes tendam a ser percebidos como relativamente mais *gay*/efeminados (algo muito diferente do que foi visto em Mendes, 2016).

Tabela 5. Resumo do modelo de efeitos mistos que testa o efeito das interações entre o índice QA e o falante e entre o índice QA e as variáveis linguísticas nas respostas que compõem o CP1

Efeitos Fixos	Estimativa	Desvio padrão	valor <i>t</i>	valor <i>p</i>
(Intercept)	-0,7248	0,07186	-10,086	<0,001***
Jaime	1,04561	0,07706	13,568	<0,001***
Robson	-0,15664	0,07767	-2,017	0,0442*
Lucas	1,63994	0,07726	21,228	<0,001***
Índice Q.A. > 1,5	0,16114	0,12844	1,255	0,21
Variante CNØ	0,07667	0,0545	1,407	0,1601
Variante s+	0,01357	0,05494	0,247	0,8049
Variante F_0 + 30 Hz	-0,09323	0,05866	1,589	0,1124

Jaime: Índice Q.A. > 1,5				
-0,04976				
0,13537				
-0,369				
0,7133				
Robson: Índice Q.A. > 1,5	-0,03702	0,1358	-0,273	0,7853
Lucas: Índice Q.A. > 1,5	-0,02191	0,13596	-0,161	0,872
Índice Q.A. > 1,5:Variante CNø	-0,20465	0,09586	-2,135	<u>0,0332*</u>
Índice Q.A. > 1,5:Variante s+	-0,02778	0,0964	-0,288	0,7733
Índice Q.A. > 1,5:Variante F ₀ + 30 Hz	-0,01601	0,10317	-0,155	0,8767
Total N: 816. Efeito aleatório: OUVINTE (204).				
<i>Intercept:</i> Carlos; índice QA ≤ 1,5; variante CNp; variante -s original; variante F ₀ original				
Fórmula: CP1 ~ Falante * Índice QA + Variável (CN) * Índice QA + Variável (-s) * Índice QA + Variável (F ₀) * Índice QA + (1 Ouvinte)				

Fonte: Elaboração própria

A associação entre CNø e os significados “gay” e “efeminado” fica mais clara nas representações do campo indicial de (CN) (com árvores de distâncias mínimas – Cf. Anexos 1 e 2). Essas árvores foram elaboradas com base na proposta de representação de campos indiciais de Oushiro (2019), desenhadas com o auxílio dos pacotes *amap* (Lucas, 2022) e *vegan* (Oksanen *et al.*, 2022) da plataforma R (R Core Team, 2023). Trata-se de um método que computa a coocorrência e as inter-relações entre múltiplas variáveis e a partir do cálculo gera uma representação em forma de árvore em que estão mais próximos entre si os termos que coocorreram mais frequentemente. A árvore no Anexo 1 é uma representação do campo indicial de (CN) com base nas respostas dos participantes cuja atitude diante da homossexualidade masculinas é negativa (índice QA > 1,5). Já o Anexo 2 traz a representação do campo indicial de (CN) com base nas respostas dos ouvintes cuja atitude é positiva (índice QA ≤ 1,5).

Na primeira dessas árvores, a representação do campo indicial de (CN) aproxima a variante CNø de significados sociais com valor negativo, tais como “grosso”, “agressivo” e “preguiçoso”; além disso, os termos “gay” e “efeminado” estão equidistantes das duas

variantes linguísticas – CNØ e CNp. Assim, pode-se entender que, para esses ouvintes (atitude negativa) as associações mais imediatas estimuladas por CNØ não têm a ver com gênero e da sexualidade, nem mesmo com classe (embora os adjetivos mais próximos a CNØ possam estar comumente relacionados a noções de baixa classe socioeconômica, a árvore mostra que a associação entre CNØ e classe baixa não é tão direta). Já na segunda árvore, desenhada a partir das respostas dos ouvintes com atitudes mais positivas em relação à homossexualidade masculina (índice QA $\leq$ 1,5), embora CNØ e CNp também estejam equidistantes dos adjetivos “gay” e “efeminado”, CNØ e “classe baixa” estão muito mais próximos entre si – termos estes que, por sua vez, estão muito mais próximos de “gay” e “efeminado” do que na primeira árvore. Esta representação ilustra, portanto, o que se observou a partir da Tabela 5: os ouvintes com postura mais favorável diante da homossexualidade masculina tendem a associar *gayness* e efeminidade a classe baixa e, por conseguinte, a CNØ.

Conclusão

A questão central que motivou o experimento cujos resultados aqui discutimos centrava-se na possível interação entre (CN) e outras variáveis linguísticas na percepção de gênero e sexualidade. Na tentativa de responder tal questão, surgiu uma outra: seria CNØ ou CNp a variante de (CN) associada a efeminidade e *gayness* em vozes masculinas? Em primeiro lugar, nossos dados mostram que (CN), (-s) e (F_o) têm efeitos independentes na percepção de vozes masculinas – um resultado inesperado, com base em trabalhos anteriores. No entanto, o que se destaca aqui são dois fatos: (i) (CN) não tem um efeito geral na percepção de vozes masculinas, quando combinada a outras variáveis linguísticas que são mais estereotípica e diretamente associadas a efeminidade e *gayness*, como (-s) e (F_o); e (ii) CNØ (e não CNp) é mais diretamente associada a efeminidade e *gayness* na percepção por parte daqueles que revelam atitudes relativamente mais positivas diante da homossexualidade masculina.

Considerando as propriedades cruciais das variáveis linguísticas no que toca à sua significação social (brevemente revistas na *Introdução*) – implicitude, combinatoriedade e subespecificação – pode-se entender que esta última seja essencial para interpretar os resultados de Mendes (2016) e da presente pesquisa. Embora os experimentos sejam comparáveis, eles diferem entre si em três aspectos importantes: (i) em Mendes (2016), (CN) era a única variável em foco, enquanto no presente estudo (CN) foi combinada a outras duas variáveis; (ii) ainda que os falantes cujas vozes foram utilizadas na construção dos estímulos sejam os mesmos nos dois experimentos, as amostras de ouvintes são – é claro – diferentes; (iii) mesmo com dados coletados em um mesmo experimento, o campo indicial da variável (CN) pode se configurar diferentemente a depender de grupos de ouvintes (no nosso caso, definido por suas atitudes com relação à homossexualidade masculina).

Para concluir, devemos admitir que nossa questão sobre qual das variantes de (CN) – CNp ou CNø – se associa mais comumente a significados sociais como “efeminado” e “gay” não é a pergunta a ser feita. Os dados evidenciam que ambas as variantes de (CN) podem indicar ambos significados. Os padrões de variação (sobretudo na associação entre formas linguísticas e significados sociais) raramente são simples como tendemos a imaginar que sejam, como se uma variante x indicasse uma característica y e sua contraparte x', o oposto de y. Pode até ser que “padrões simples” se verifiquem para certas variáveis linguísticas e suas indicialidades. No entanto, nossos dados evidenciam que não é esse o caso da concordância nominal de número.

Para compreender melhor a indicialidade de (CN), propomos estudos que focalizem como pessoas empregam as variantes de (CN) em conjunto com variantes de outras variáveis, em situações particulares, nas quais a expressão de gênero e de sexualidade importa localmente. Também interessa desenvolver outro experimento, que combine (CN) especificamente com a duração de /-s/, no sentido de testar se é a variável gramatical ou a fonética que indicia noções de gênero e sexualidade na fala masculina.

Referências

CAMPBELL-KIBLER, K. Intersecting variables and perceived sexual orientation in men. *American Speech*, v. 86, n. 1, p. 52-68, 2011.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, N. (ed.). *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 68-85.

GAUDIO, R. P. Sounding Gay: pitch properties in the speech of gay and straight men. *American Speech*, v. 69, n. 1, p. 30-57, 1994.

HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, P. *Social Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

LEVON, E. Categories, stereotypes, and the linguistic perception of sexuality. *Language in Society*, v. 43, n. 5, p. 539-566, 2014.

LEVON, E.; MAEGAARD, M.; PHARAO, N. Introduction: tracing the origin of /s/ variation. *Linguistics*, v. 55, n. 5, p. 979-992, 2017.

LUCAS, A. *amap*: another multidimensional analysis package. 2022. R package version 2.3.3. Disponível em: <https://cran.r-project.org/web/packages/amap/index.html>. Acesso em: 13 out. 2024.

MENDES, R. B. What is 'gay speech' in São Paulo, Brazil. In: SANTAEMILIA, J. et al. (ed.). *International Perspectives on Gender and Language*. Valencia: Universitat de Valencia, 2007.

MENDES, R. B. Nonstandard Plural Noun Phrase Agreement as an Index of Masculinity. In: LEVON, E.; MENDES, R. B. (ed.). *Language, sexuality and power: studies in interseccional sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2016. p. 105-129.

MENDES, R. B. *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal*. 2018. Tese (Livre-docência em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MENDES, R.; OUSHIRO, L. *Construção de uma amostra da fala paulistana*. 2013. Disponível em: <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>. Acesso em: 11 out. 2024.

OCHS, E. *Indexing gender*. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (org.). *Rethinking Context: language as an interactive phenom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OKSANEN, J. et al. *vegan*: community ecology package. 2022. R package version 2.3.3. Disponível em: <http://vegan.r-forge.r-project.org/>. Acesso em: 11 out. 2024.

OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field. *Revista De Estudos Da Linguagem*, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019.

PHARAO, N.; MAEGAARD, M. On the influence of coronal sibilants and stops on the perception of social meanings in Copenhagen Danish. *Linguistics*, v. 55, n. 5, p. 1141-1167, 2017.

R CORE TEAM. *R: a language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria, 2023. Disponível em: <https://www.Rproject.org/>. Acesso em: 12 out. 2024.



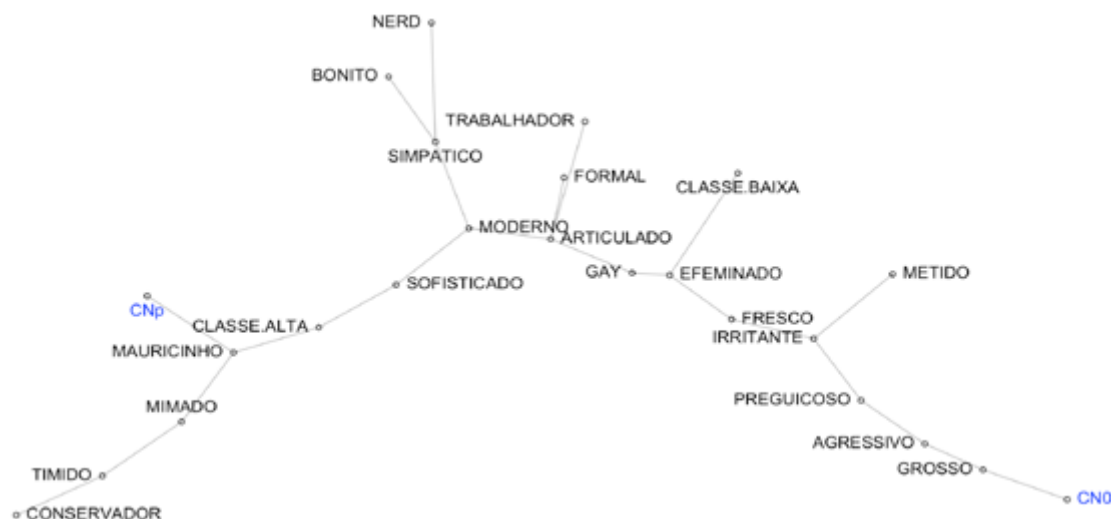
REVELLE, W. *psych*: procedures for psychological, psychometric, and personality research. Evanston, Illinois, 2023. R package version 2.3.3. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=psych>. Acesso em: 12 out. 2024.

SENE, M. *A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

SMYTH, R.; ROGERS, H. Do gay-sounding men speak like women? *Toronto Working Papers in Linguistics*, v. 27, p. 129-144, 2008.

Anexo 1: Árvore de distâncias mínimas para respostas dadas por ouvintes com índice QA maior do que 1,5, com foco na variável (CN)



Fonte: Elaboração própria

Anexo 2: Árvore de distâncias mínimas para respostas dadas por ouvintes com índice QA menor ou igual a 1,5, com foco na variável (CN)



Fonte: Elaboração própria